

DEBORAH HARKNESS



EM BUSCA
DO
LIVRO DA VIDA

Tradução
Luís Santos

|||||
casadasletras

*Não é o mais forte,
nem sequer o mais inteligente da espécie que sobrevive.*

O que sobrevive é o que se mostra mais adaptável à mudança.

PHILIPPE DE CLERMONT,
REGRA GERAL ATRIBUÍDO A CHARLES DARWIN

Sol em Caranguejo

O signo do caranguejo está associado a casas, terras,

tesouros e tudo o que estiver escondido.

É a quarta casa do Zodíaco.

Significa morte e o fim das coisas.

Diário Inglês Anônimo, c. 1590,

Gonçalves MS 4890, f. 8^r



Os fantasmas não tinham muita substância, eram compostos apenas por memórias e coração. No topo de um dos torreões de Sept-Tours, Emily Mather pressionou a mão diáfana contra o ponto no centro do peito que sentia comprimir-se com o medo.

Alguma vez fica mais fácil? A voz, tal como o resto da sua essência, era quase impercetível. *O observar? O esperar? O saber?*

Nunca dei por isso, respondeu brevemente Philippe de Clermont. Estava empoleirado ali perto, a observar os seus próprios dedos transparentes. De tudo o que Philippe não gostava sobre estar morto — a incapacidade de tocar na esposa, Ysabeau; a falta de olfato e de paladar; o facto de não ter músculos para uma boa refrega — a invisibilidade encimava a lista. Era um lembrete constante de como se tornara inconsequente.

A expressão no rosto de Emily fechou-se, e Philippe amaldiçoou-se em silêncio. Desde que ela morrera, a bruxa era sua companheira constante, dividindo a solidão em dois. O que lhe passara pela cabeça, para a tratar como se fosse uma criada?

Talvez seja mais fácil quando já não precisarem de nós, acrescentou Philippe, num tom mais gentil. Ele até podia ser o fantasma mais experiente, mas foi Emily quem compreendeu a metafísica da situação. O que a bruxa lhe dissera ia contra tudo o que Philippe acreditava sobre o além. Ele julgava que os vivos viam os mortos *porque* precisavam de algo deles: ajuda, perdão, vingança. Emily insistia que isso não passava de mitos humanos,

e era apenas quando os vivos seguiam em frente que os mortos lhes podiam aparecer.

Essa informação fazia com que a incapacidade de Ysabeau em vê-lo fosse um pouco mais fácil de suportar, mas não muito.

— Mal posso esperar para ver a reação da Em. Ela vai ficar tão surpreendida. — O contralto caloroso de Diana flutuou até às ameaças.

Diana e Matthew, exclamaram Emily e Philippe em uníssono, espreitando para o pátio empedrado que cercava o palacete.

Ali, apontou Philippe indicando para o caminho de acesso. Mesmo morto, tinha uma visão de vampiro mais apurada do que a de qualquer ser humano. Era igualmente mais bem-apessoado do que qualquer homem tinha o direito de ser, com ombros largos e um sorriso matreiro. Sorriu a Emily, que não pôde deixar de sorrir de volta. *Fazem um casal muito bonito, não é verdade? Vê como o meu filho mudou.*

Não era suposto que os vampiros se alterassem com o passar do tempo, pelo que Emily esperava vê-lo com o mesmo cabelo preto, tão escuro que cintilava com laivos azuis; os mesmos olhos cinza-verde volúveis, frios e distantes como um mar de inverno; a mesma tez pálida e boca larga. Mas existiam algumas diferenças subtis, tal como Philippe sugerira. O cabelo de Matthew estava mais curto, e tinha uma barba que o fazia parecer ainda mais perigoso, como um pirata. Ela arquejou.

O Matthew está... maior?

Sim. Engordei-o quando ele e Diana aqui estiveram em 1590. Os livros estavam a deixá-lo mole. O Matthew precisava de lutar mais e ler menos. Philippe sempre argumentara que era possível ter educação excessiva. Matthew era prova viva disso.

A Diana também parece diferente. Está mais parecida com a mãe, com aquele cabelo comprido acobreado, afirmou Em, reconhecendo a mudança mais óbvia na sobrinha.

Diana tropeçou numa pedra da calçada e a mão de Matthew saltou para a equilibrar. Em tempos, Emily olhara para a presença constante de Matthew como um sinal de excesso de proteção vampira. Agora, dotada da perspicácia de um fantasma,

percebia que essa tendência provinha da consciência sobrenatural do vampiro de todas as alterações na expressão de Diana, cada mudança de estado de espírito, cada sinal de fadiga ou fome. Naquele dia, contudo, a preocupação de Matthew parecia ainda mais concentrada e aguçada.

Não foi só o cabelo de Diana que mudou. O rosto de Philippe tinha um ar de espanto. *A Diana está grávida – tem um filho de Matthew.*

Emily observou a sobrinha com mais atenção, servindo-se do entendimento aprimorado da verdade que a morte proporcionava. Philippe tinha razão – em parte. *Queres dizer «com os filhos». A Diana vai ter gémeos.*

Gémeos, exclamou Philippe, num tom fascinado. Desviou o olhar, distraído com o surgimento da esposa. *Olha, aqui vêm Ysabeau e Sarah, com Sophie e Margaret.*

O que vai acontecer agora, Philippe? indagou Emily, o coração cada vez mais apertado com a antecipação.

Finais. Inícios, disse Philippe, com uma imprecisão deliberada. *Mudança.*

A Diana nunca gostou de mudança, constatou Emily.

Isso é porque a Diana tem medo daquilo em que tem de se transformar, retrucou Philippe.

Marcus Whitmore enfrentara bastantes horrores desde a noite, em 1781, em que Matthew de Clermont o tornara vampiro. Nada o preparara para a provação daquele dia: dizer a Diana Bishop que a sua amada tia, Emily Mather, morrera.

Marcus recebera o telefonema de Ysabeau enquanto ele e Nathaniel Wilson assistiam às notícias na televisão da biblioteca da família. Sophie, a esposa de Nathaniel, e a filha bebé, Margaret, dormitavam no sofá.

– *O templo – dissera Ysabeau, ofegante, num tom frenético.*
– *Vem. Imediatamente.*

Marcus obedecera à avó sem hesitar, só perdendo tempo para gritar pelo primo, Gallowglass, e pela tia Verin, ao sair à porta.

O lusco-fusco do entardecer de verão tornara-se mais brilhante ao aproximar-se da clareira no topo da montanha, iluminada pelo poder sobrenatural que Marcus vislumbrara através das árvores. O seu cabelo estava hirto com a magia no ar.

Depois farejara a presença de um vampiro, Gerbert de Aurillac. E de mais alguém, uma bruxa.

Passadas firmes no corredor de pedra arrancaram Marcus do passado, trazendo-o de volta ao presente. A pesada porta abriu-se, a ranger, como sempre.

— Olá, querida. — Marcus virou-se da paisagem campestre da Auvérnia e inspirou fundo. O cheiro de Phoebe Taylor recordava-lhe o renque de lilás que havia crescido junto à porta vermelha da quinta da família. Delicada e marcante, a fragrância simbolizava a esperança da primavera, após um inverno longo do Massachusetts, e conjurava o sorriso compreensivo da mão há tanto tempo morta. Agora, só fazia com que Marcus pensasse na pequena mulher de vontade férrea que estava à sua frente.

— Vai ficar tubo bem. — Phoebe estendeu as mãos e ajeitou o colarinho, os olhos cor de azeitona a transbordar de preocupação. Marcus passara a usar roupas mais formais do que camisolas de concertos, por volta da mesma altura em que começara a assinar as suas cartas como Marcus de Clermont, em vez de Marcus Whitmore — o nome por que ela originalmente o conhecera, antes de ele lhe ter contado sobre vampiros, pais de mil e quinhentos anos, castelos franceses cheios de familiares severos e uma bruxa chamada Diana Bishop. Para Marcus, o facto de Phoebe ter permanecido ao seu lado fora um milagre.

— Não, não vai. — Agarrou-lhe uma das mãos e beijou-lhe a palma. Phoebe não conhecia Matthew. — Fica aqui com o Nathaniel e os outros. Por favor.

— Pela última vez, Marcus Whitmore, vou estar a teu lado quando receberes o teu pai e a sua mulher. Julgo que não precisamos de falar mais sobre isso. — Phoebe estendeu a mão. — Vamos?

Marcus deu a mão a Phoebe, mas em vez de a seguir porta fora, como ela esperava, puxou-a para si. Phoebe parou junto ao

peito dele, uma mão apertada à volta da sua, a outra pressionada contra o coração. Olhou-o, surpreendida.

— Está bem. Mas se vais descer comigo, Phoebe, há três condições. Em primeiro lugar, ficas sempre comigo ou com Ysabeau.

Phoebe fez menção de protestar, mas o olhar sério de Marcus silenciou-a.

— Em segundo lugar, se eu disser para saíres, tu saís. Sem hesitar. Sem perguntas. Vais diretamente ter com o Fernando. Ele estará na capela ou na cozinha. — Marcus perscrutou-lhe o rosto e identificou uma aceitação cautelosa. — Em terceiro lugar, nunca ficas ao alcance do meu pai, seja em que circunstância for. De acordo?

Phoebe assentiu. Como qualquer bom diplomata, ela estava disposta a seguir as regras de Marcus — por agora. Mas se o pai de Marcus era o monstro que alguns dos elementos daquela casa pensavam, Phoebe faria o que fosse preciso.

Fernando Gonçalves despejou os ovos batidos para a frigideira quente, cobrindo as batatas salteadas que já lá se encontravam. A sua *tortilla* era um dos poucos pratos que Sarah Bishop comeria e naquele dia, acima de tudo, a viúva necessitaria de sustento.

Gallowglass sentou-se à mesa da cozinha, retirando pingos de cera das rachas das tábuas vetustas. De cabelo louro pelo colarinho e estatura musculada, parecia um urso taciturno. As tatuagens serpenteavam-lhe em torno dos antebraços e bíceps, em remoinhos brilhantes de cor. O tema revelaria o que estaria a ocupar a mente de Gallowglass naquele momento, pois uma tatuagem durava apenas alguns meses num vampiro. Agora parecia estar a pensar nas suas raízes, pois tinha os braços cobertos com entrançado celta, runas, e animais fabulosos retirados dos mitos e lendas gaélicos e nórdicos.

— Para de te preocupar. — A voz de Fernando era tão quente e cultivada como xerez envelhecido em barris de carvalho.

Gallowglass ergueu o olhar por um instante, após o que devolveu a atenção à cera.

— Ninguém vai impedir que Matthew faça o que tem de fazer, Gallowglass. Vingam a morte da Emily é uma questão de honra. — Fernando apagou o lume e juntou-se a Gallowglass à mesa, deslocando-se silenciosamente sobre as lajes com os pés descalços. Ao caminhar desfez as dobras das mangas da camisa branca. Estava imaculada, mesmo depois das horas passadas na cozinha. Enfiou a fralda da camisa para dentro das calças de ganga e passou os dedos pelo cabelo escuro e ondulado.

— Sabes que o Marcus vai tentar assumir a responsabilidade — adiantou Gallowglass. — Mas o rapaz não teve culpa da morte da Emily.

Mesmo tendo em conta as circunstâncias, a cena na montanha fora estranhamente calma. Gallowglass chegara ao templo instantes depois de Marcus. Não havia nada, além de silêncio e a visão de Emily Mather ajoelhada dentro de um círculo formado por pedras claras. O bruxo Peter Knox estava com ela, as mãos sobre a cabeça dela e um ar de antecipação — até mesmo fome — no rosto. Gerbert de Aurillac, o vizinho vampiro mais próximo dos Clermonts, assistia, com interesse.

— Emily! — O grito angustiado de Sarah rasgou o silêncio com tal força que até mesmo Gerbert recuou.

Sobressaltado, Knox libertou Emily, que tombou ao chão, inconsciente. Sarah sobrepujara-se ao outro bruxo com um feitiço de tal forma poderoso que atirou Knox sobre a clareira.

— Não, o Marcus não a matou — concordou Fernando, chamando a atenção de Gallowglass. — Mas a negligência...

— Inexperiência — atalhou Gallowglass.

— Negligência — insistiu Fernando — desempenhou um papel importante na tragédia. O Marcus sabe disso e aceita a responsabilidade.

— O Marcus não pediu para ser o responsável — resmungou Gallowglass.

— Pois não. Fui eu que o nomeei, e o Matthew concordou com a decisão. — Fernando apertou ao de leve o ombro de Gallowglass e regressou ao fogão.

— Foi por isso que vieste? Porque te sentes culpado ao teres recusado liderar a irmandade quando o Matthew te pediu

ajuda? – Ninguém ficara mais surpreendido do que Gallowglass quando Fernando apareceu em Sept-Tours. Fernando evitara o lugar desde que o pai de Gallowglass, Hugh de Clermont, morrera, no século XIV.

– Estou aqui porque o Matthew esteve comigo depois de o rei francês ter executado o Hugh. Na altura estava sozinho no mundo, à exceção da minha dor. – O tom de Fernando era duro. – E recusei-me a liderar os Cavaleiros de Lázaro, porque não sou um De Clermont.

– Eras companheiro do Pai! – protestou Gallowglass. – És tão Clermont como Ysabeau ou os filhos dela!

Fernando fechou cuidadosamente a porta do forno.

– *Sou* companheiro do Hugh – asseverou, ainda de costas. – Para mim, o teu pai nunca será passado.

– Desculpa, Fernando – lamentou-se Gallowglass, arrependido. Embora Hugh estivesse morto há quase sete séculos, Fernando nunca recuperara da perda. Gallowglass duvidava que isso viesse a acontecer.

– Quanto a ser um Clermont – continuou Fernando, ainda a olhar para a parede sobre o fogão –, o Philippe discordava. – Gallowglass voltou a remexer nervosamente na cera. Fernando encheu dois copos de vinho tinto e levou-os para a mesa.

– Toma – ofereceu, apresentando um a Gallowglass. – Também vais precisar das tuas forças.

Marthe entrou na cozinha. A governanta de Ysabeau geria aquela zona do palacete e não ficou satisfeita ao ver intrusos. Depois de fulminar Fernando e Gallowglass com olhares carrancudos, ela farejou e escancarou a porta do forno.

– Esta é a minha melhor frigideira – protestou.

– Eu sei. É por isso que a estou a usar – retrucou Fernando, tomando um gole de vinho.

– Não devia de estar na cozinha, *Dom* Fernando. Vá lá para cima e leve o Gallowglass consigo. – Marthe tirou um pacote de chá e um bule da prateleira ao lado da pia. Depois reparou na cafeteira embrulhada numa toalha numa bandeja, junto de chávenas, pires, leite e açúcar. Aprofundou o enrugamento do cenho.

– Qual o mal de estar aqui? – quis saber.
– Não é um criado – lembrou Marthe. Desconfiada, destapou a cafeteira e cheirou o conteúdo.

– É o favorito da Diana. Disse-me aquilo de que ela gostava, lembra-se? – Fernando esboçou um sorriso triste. – E todos nesta casa servem os Clermont, Marthe. A única diferença é que tu, o Alain e a Victoire são muito bem pagos para o fazerem. Espera-se que os outros se sintam gratos pelo privilégio.

– E com boa razão. Outros *manjasang* sonham em fazer parte desta família. No futuro, não se esqueça disso – nem do limão, *Dom* Fernando – acrescentou Marthe, enfatizando o título nobiliárquico. Pegou na bandeja com o chá. – Já agora, os ovos estão a queimar-se.

Fernando saltou para os salvar.

– Quanto a si – adiantou Marthe, com os olhos negros fitos em Gallowglass – não nos contou tudo sobre Matthew e a sua esposa.

Gallowglass olhou para o vinho com uma expressão de culpa.

– *Madame* sua avó vai tratar de si mais tarde. – E com esse prenúncio arrepiante, Marthe saiu da cozinha.

– O que é fizeste agora? – indagou Fernando, colocando a tortilha – que não estava perdida, *Alhamdulillah* – em cima do fogão. A sua longa experiência ensinara-lhe que qualquer que fosse a confusão, Gallowglass fizera-a com boas intenções e total indiferença por um possível desastre.

– Beeeeem – disse Gallowglass, alongando as vogais como apenas um escocês seria capaz de fazer –, sou capaz de ter deixado um pormenor ou dois fora da narrativa.

– Como por exemplo? – questionou Fernando, apercebendo-se do aroma a catástrofe entre os cheiros caseiros na cozinha.

– Como por exemplo o facto de a Tia estar grávida, e ainda por cima do Matthew. E o facto de o Avô a ter adotado como filha. Céus, o voto de sangue dele foi ensurdecador. – Gallowglass pareceu pensativo. – Achas que ainda seremos capazes de o ouvir?

Fernando deixou-se ficar ali de pé, de boca aberta em silêncio.

— Não olhes para mim assim. Não me parecia certo partilhar a notícia sobre o bebé. As mulheres ressentem-se com essas coisas. E o Philippe contou à Tia Verin sobre o voto de sangue antes de morrer, em 1945, e ela também nunca disse nada! —, defendeu-se Gallowglass.

Uma concussão rasgou o ar, como se uma bomba tivesse sido detonada em silêncio. Algo verde e impetuoso passou em grande velocidade à janela da cozinha.

— O que diabos foi aquilo? — Fernando abriu a porta e protegeu os olhos contra a luz do sol.

— Uma bruxa chateada, digo eu. — O tom de Gallowglass foi sombrio. — A Sarah deve ter contado à Diana e ao Matthew as notícias sobre a Emily.

— Não estou a falar da explosão. Mas daquilo! — Fernando apontou para o campanário de Saint-Lucien, que se encontrava rodeado por uma criatura alada de duas pernas a cuspir fogo.

Gallowglass levantou-se para ver melhor.

— Aquilo é a *Corra*. Ela vai para onde quer que a Tia vá — explicou Gallowglass, tranquilamente.

— Mas aquilo é um *dragão*. — Fernando lançou um olhar alucinado ao enteadado.

— Ná! Não é um dragão. Não vês que só tem duas patas? A *Corra* é um dragão-de-fogo. — Gallowglass virou o braço para mostrar a tatuagem de uma criatura alada que se parecia muito com o animal que viam no ar. — Como esta. Posso ter omitido um pormenor ou dois, mas avisei toda a gente que a Tia Diana não ia ser a mesma bruxa de antes.

— É verdade, querida. A Em está morta. — A tensão de contar o que acontecera a Diana e Matthew fora claramente demasiado para ela. Sarah podia jurar que havia visto um dragão. Fernando tinha razão. Ela tinha de cortar no uísque.

— Não acredito. — A voz de Diana soou alta e nítida com o pânico. Perscrutou o grande salão de Ysabeau, como se esperasse encontrar Emily escondida atrás de um dos canapés ornamentados.

– A Emily não está aqui, Diana. – Ao colocar-se à frente de Diana, a voz baixa de Matthew estava impregnada com pesar e ternura. – Ela morreu.

– Não. – Diana tentou passar por ele e dar continuidade à sua busca, mas Matthew tomou-a nos braços.

– Sinto muito, Sarah – lamentou-se Matthew, apertando Diana contra o seu corpo.

– Não digas que sentes muito! – gritou Diana, debatendo-se para se libertar do aperto férreo do vampiro. Esmurrou o ombro de Matthew. – A Em não está morta! Isto é um pesadelo. Acorde-me, Matthew, por favor! Quero acordar e descobrir que ainda estamos em 1591.

– Não é um pesadelo – asseverou Sarah. As longas semanas tinham-na convencido de que a morte de Em era terrivelmente real.

– Então virei onde não devia... ou então dei um nó errado no feitiço do tempo. Não pode ser aqui onde tínhamos de chegar!

– Diana tremia da cabeça aos pés com a dor e o choque. – A Em prometeu que nunca partiria sem se despedir.

– A Em não teve tempo de se despedir de ninguém. Mas isso não quer dizer que ela não te amava. – Sarah recordava-se disso uma centena de vezes por dia.

– A Diana devia sentar-se – sugeriu Marcus, puxando uma cadeira para mais perto de Sarah. Em muitos aspetos, o filho de Matthew parecia o mesmo surfista de vinte e poucos anos que entrara na casa Bishop, em outubro passado. O cordão de couro, com a sua variedade estranha de objetos recolhidos ao longo dos séculos, ainda estava enrolado no cabelo louro, na nuca. As sapatilhas *Converse* que ele tanto adorava continuavam calçadas. Todavia, o olhar triste e reservado era novo.

Sarah estava grata pela presença de Marcus e Ysabeau, mas quem ela realmente queria ao seu lado naquele momento era Fernando. Fora ele o seu apoio durante toda aquela provação.

– Obrigado, Marcus – agradeceu Matthew, instalando Diana. Phoebe tentou colocar um copo de água na mão de Diana. Quando

esta se limitou a fitá-lo, Matthew pegou-lhe e pousou-o numa mesa próxima.

Todos os olhares se dirigiram a Sarah.

Sarah não era boa para aquele tipo de coisas. Diana era a historiadora da família. Ela saberia por onde começar e como ordenar a sequência de acontecimentos confusos numa história coerente com princípio, meio e fim, e talvez até mesmo uma explicação plausível para a morte de Emily.

— Não há uma maneira fácil de vos dizer isto — começou a tia de Diana.

— Não tens de nos dizer nada — atalhou Matthew com os olhos repletos de compaixão e simpatia. — As explicações podem esperar.

— Não. Vocês têm de saber. — Sarah procurou o copo de uísque que normalmente estava ao seu lado, mas não encontrou nada. Lançou um apelo mudo a Marcus.

— A Emily morreu no templo antigo — adiantou Marcus, assumindo o papel de contador de histórias.

— O templo dedicado à deusa? — murmurou Diana, com a testa a enrugar-se no esforço para se concentrar.

— Sim — gemeu Sarah, tossindo para desfazer o nó na garganta. — A Emily passava cada vez mais tempo lá.

— Ela estava sozinha? — A expressão de Matthew deixara de ser afável e compreensiva, assumindo um tom gelado.

O silêncio voltou a abater-se, agora pesado e incómodo.

— A Emily não deixava que ninguém fosse com ela — disse Sarah, preparando-se para ser honesta. Diana também era uma bruxa, e saberia se ela se desviasse da verdade. — O Marcus tentou convencê-la a levar alguém, mas a Emily recusou.

— Porque queria ela ficar sozinha? — indagou Diana, dando continuidade à inquietação de Sarah. — O que se passava, Sarah?

— Desde janeiro que a Em procurava orientação na magia mais elevada. — Sarah desviou o olhar da expressão chocada de Diana. — Vinha a ter terríveis premonições de morte e desastres, e julgou que isso a poderia ajudar a perceber porquê.

– Mas a Em sempre disse que a magia mais elevada era demasiado negra para que as bruxas lidassem com ela em segurança – queixou-se Diana, voltando a erguer o tom de voz. – Ela dizia que qualquer bruxa que se julgasse imune ao risco descobriria da pior maneira como essa magia era poderosa.

– Ela falava com a voz da experiência – frisou Sarah. – Essa magia pode ser viciante. A Emily não queria que soubesses que ela se sentira tentada, querida. Havia décadas que não tocava numa pedra de vidência nem tentava invocar um espírito.

– Invocar espíritos? – Matthew semicerrou os olhos. Com a barba escura, parecia verdadeiramente aterrador.

– Acho que estava a tentar alcançar a Rebecca. Se eu tivesse percebido quão longe chegara nessas tentativas, ter-me-ia esforçado por detê-la. – Os olhos de Sarah estavam marejados de lágrimas. – O Peter Knox deve ter percebido o poder com que a Emily estava a lidar, e as magias elevadas sempre o fascinaram. Assim que a encontrou...

– O Knox? – Matthew falou baixinho, fazendo com que os cabelos na nuca de Sarah se eriçassem.

– Quando encontrámos a Em, o Knox e o Gerbert também estavam lá – explicou Marcus, parecendo arrasado ao admiti-lo. – Ela sofrera um ataque cardíaco. A Emily devia ter passado por uma tensão enorme ao tentar resistir ao que o Knox estaria a fazer. Estava quase inconsciente. Tentei reanimá-la. A Sarah também. Mas não havia nada que qualquer um de nós pudesse fazer.

– Porque estavam o Gerbert e o Knox aqui? E o que Knox esperava ganhar ao matar a Em? – lamentou-se Diana.

– Não me parece que o Knox tivesse tentado matá-la, querida – afirmou Sarah. – O Knox estava a ler os pensamentos da Emily, ou pelo menos a tentar. As últimas palavras dela foram: «Sei o segredo do Ashmole 782, e nunca o vais ter.»

– Ashmole 782? – Diana parecia atordoada. – Tens a certeza?

– Absoluta. – Sarah desejava que a sua sobrinha nunca tivesse encontrado o maldito manuscrito na Biblioteca Bodleiana. Fora a causa da maioria dos seus problemas atuais.

— O Knox insistia que os De Clermont tinham páginas em falta do manuscrito da Diana e que sabiam os segredos — acrescentou Ysabeau. — Verin e eu dissemos ao Knox que ele estava enganado, mas a única coisa que o distraiu do assunto foi o bebê. A Margaret.

— O Nathaniel e a Sophie seguiram-nos até ao templo. A Margaret estava com eles — explicou Marcus em resposta ao olhar atônito de Matthew. — Antes de a Emily ter ficado inconsciente, o Knox viu a Margaret e exigiu saber como dois demónios tinham dado à luz uma bruxa. O Knox invocou a aliança. Ameaçou levar a Margaret perante a Congregação para que se investigasse aquilo a que chamou de «violações graves» da lei. Enquanto estávamos a tentar reanimar a Emily e a pôr a criança em segurança, o Gerbert e o Knox fugiram.

Até recentemente, Sarah sempre encarara a Congregação e a aliança como males necessários. Não era fácil ter as três espécies do além — demónios, vampiros e bruxas — a viver entre os humanos. Todos haviam sido alvo do receio e da violência humanos em algum momento da história, e as criaturas há muito tempo haviam acordado um pacto para minimizar o risco de chamar a atenção humana. Limitava a confraternização entre as espécies, bem como qualquer participação na religião ou na política humanas. A Congregação de nove membros aplicava a aliança e certificava-se de que as criaturas respeitavam os seus termos.

Para Sarah, agora que Diana e Matthew estavam em casa, a Congregação poderia ir para o inferno e levar a sua aliança com eles.

Diana virou a cabeça e um olhar de incredulidade atravessou-lhe o rosto.

— Gallowglass? — murmurou, quando o salão se encheu com o cheiro a maresia.

— Bem-vinda a casa, Tiazinha. — Gallowglass avançou, com a barba dourada a reluzir onde a luz do sol lhe bateu. Diana mirou-o, espantada, até que libertou um soluço. — Pronto, pronto. — Gallowglass ergueu-a num abraço apertado. — Já há algum tempo que a minha visão não levava uma mulher às lágrimas. Além disso,

devia ser eu a chorar com este nosso reencontro. Para ti, só se passaram alguns dias desde que falámos. Pelas minhas contas, já faz séculos.

Algo luminoso tremeluziu em torno dos contornos do corpo de Diana, como uma vela que lentamente se acende. Sarah pestanejou. Tinha mesmo de deixar a bebida.

Matthew e o sobrinho entreolharam-se. A expressão de Matthew ficou ainda mais consternada quando as lágrimas de Diana correram com mais força e o brilho em torno dela se intensificou.

— O Matthew que te leve lá para cima. — Gallowglass levou a mão ao bolso e tirou um lenço amarelo amarfanhado que ofereceu a Diana, ocultando-o cuidadosamente dos outros.

— Ela está bem? — indagou Sarah.

— Só um bocadinho cansada — disse Gallowglass, enquanto ele e Matthew levavam Diana na direção dos aposentos de Matthew, na torre.

Assim que Diana e Matthew saíram, a frágil compostura de Sarah estilhaçou-se e ela começou a chorar. Recordar os acontecimentos da morte de Em era uma ocorrência diária, mas fazê-lo com Diana fora ainda mais doloroso. Fernando apareceu, com uma expressão preocupada.

— Está tudo bem, Sarah. Desabafa — murmurou Fernando, puxando-a para si.

— Onde estavas quando precisei de ti? — perguntou Sarah, com o choro a transformar-se em soluços.

— Estou aqui agora — asseverou Fernando, embalando-a gentilmente. — E a Diana e o Matthew estão em casa, são e salvos.

— Não consigo parar de tremer. — Os dentes de Diana batiam e as suas pernas estremeciam, como se estivessem a ser puxadas por fios invisíveis. Gallowglass cerrou os lábios, afastando-se enquanto Matthew embrulhava a esposa com um cobertor.

— Estás em choque, *mon coeur* — murmurou Matthew, beijando-lhe a face. Não era só a morte de Emily, mas também as memórias da anterior perda traumática dos pais que lhe causavam

tal angústia. Esfregou-lhe os braços, abafando-a com o cobertor sobre a pele. — Podes ir buscar um pouco de vinho, Gallowglass?

— Eu não deveria. Os bebés... — começou Diana a dizer. A expressão endureceu e as lágrimas recomeçaram. — Eles não vão conhecer a Em. Os nossos filhos vão crescer sem conhecer a Em.

— Toma. — Gallowglass estendeu um frasco de prata na direção de Matthew. O tio fitou-o com gratidão.

— Ainda melhor — exclamou Matthew, destapando-o. — Só um gole, Diana. Não vai fazer mal aos gémeos, e vai ajudar-te a acalmar. Vou pedir à Marthe para trazer chá preto com bastante açúcar.

— Vou matar o Peter Knox — prometeu Diana ferozmente depois de ter tomado um gole de uísque. A luz à sua volta tornou-se mais brilhante.

— Hoje não vais — contrapôs Matthew com firmeza, devolvendo o frasco a Gallowglass.

— O *glaem* da Tiazinha tem sido assim tão brilhante desde que voltaram? — Gallowglass não via Diana Bishop desde 1591, mas não se lembrava de que ele fosse perceptível.

— Sim. Ela tem usado um feitiço de disfarce. O choque deve tê-lo deslocado — adiantou Matthew, sentando-a no sofá. — A Diana queria que a Emily e a Sarah apreciassem o facto de que iam ser avós antes de começarem a fazer perguntas sobre o aumento do poder dela.

Gallowglass reprimiu uma praga.

— Melhor? — perguntou Matthew, levando os dedos de Diana aos lábios.

Diana assentiu. Gallowglass reparou que os dentes ainda lhe batiam. Custava-lhe pensar no esforço que ela deveria estar a fazer para se controlar.

— Sinto muito pela Emily — lamentou Matthew, segurando-lhe o rosto entre as mãos.

— A culpa é nossa? Será que ficámos demasiado tempo no passado, tal como disse o Pai? — Diana falou tão baixinho que até mesmo Gallowglass teve dificuldade em ouvir.

- Claro que não – asseverou Gallowglass, num tom brusco.
- Foi o Peter Knox quem fez isto. A culpa não é de mais ninguém.
- Não vamos pensar em atribuir culpas – atalhou Matthew, mas os olhos denotavam a fúria que sentia.

Gallowglass anuiu, num gesto de compreensão. Matthew teria muito a dizer sobre Knox e Gerbert... depois. Naquele momento, estava preocupado com Diana.

– A Emily iria querer que te concentrasses em cuidar de ti e da Sarah. Por agora, isso basta. – Matthew afastou os fios acobreados de cabelo que estavam colados ao rosto de Diana pelo sal das lágrimas.

– Devia voltar lá a baixo – disse Diana, levando a badana amarela de Gallowglass aos olhos. – A Sarah precisa de mim.

– Vamos ficar aqui um pouco mais. Esperamos que a Marthe nos traga o chá – sugeriu Matthew, sentando-se ao lado dela. Diana encostou-se a ele, com a respiração entrecortada pelos soluços, enquanto tentava conter as lágrimas.

– Vou deixá-los – disse Gallowglass, num tom roufenho.

Matthew agradeceu com um aceno silencioso.

– Obrigada, Gallowglass – agradeceu Diana, estendendo-lhe o lenço.

– Fica com ele – disse Gallowglass, voltando-se para as escadas.

– Estamos sozinhos. Já não tens de ser forte – murmurou Matthew a Diana quando Gallowglass desceu a escadaria em espiral.

Gallowglass deixou Matthew e Diana entrelaçados num nó inquebrável, os rostos contorcidos pela dor e pela tristeza, cada um dando ao outro o conforto que eram incapazes de encontrar sozinhos.

Não te devia ter invocado. Devia ter encontrado outra forma de obter as minhas respostas. Emily virou-se e encarou o seu amigo mais chegado. Devias estar com o Stephen.

Prefiro estar aqui com a minha filha a estar em qualquer outro lugar, garantiu Rebecca Bishop. O Stephen compreende.

Voltou-se para a visão de Diana e Matthew, ainda unidos no seu abraço triste.

Não temas. O Matthew vai cuidar dela, asseverou Philippe. Ainda tentava compreender Rebecca Bishop – uma criatura extraordinariamente complexa, e tão hábil a guardar segredos como qualquer vampiro.

Vão cuidar um do outro, acrescentou Rebecca, a mão sobre o coração, *tal como eu sabia que eles fariam*.